

Arthur Valle
Camila Dazzi
Isabel Sanson Portella
Rosangela de Jesus Silva

Oitocentos

Tomo IV

O Ateliê do Artista

Rio de Janeiro
CEFET/RJ
2017

Realização da Publicação

CEFET/RJ
UFRRJ
UNILA
Museu da República/RJ

Organização

Arthur Valle
Camila Dazzi
Isabel Sanson Portella
Rosangela de Jesus Silva

Projeto Gráfico e Editoração

Luiz Henrique Pereira Peixoto

Imagem da Capa

“Ant. Parreiras e seus modelos no atelier em Paris”.
Fotografia pertencente ao álbum de Moysés Nogueira da Silva, Álbum de fotografias de artistas brasileiros e estrangeiros. Acervo da Fundação Bibliotheca Nacional, Rio de Janeiro

Editoras

CEFET/RJ
DezenoveVinte

Correio eletrônico

dezenovevinte@yahoo.com.br

Meio eletrônico

A presente publicação reúne os textos de comunicações apresentadas de forma mais sucinta no IV Colóquio de Estudos sobre a Arte Brasileira do Século XIX. Os textos aqui contidos não refletem necessariamente a opinião dos organizadores, sendo o conteúdo e a veracidade dos mesmos de inteira e exclusiva responsabilidade de seus autores, inclusive quanto aos direitos autorais de terceiros.

700 Oitocentos - Tomo IV: O Ateliê do Artista. Edição / Arthur Valle, Camila Dazzi,
039 Isabel Sanson Portella, Rosangela de Jesus Silva (organizadores).– Rio de Janeiro:
CEFET/RJ, 2017. II.
346 p.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-7068-012-9

1. Arte. 2. Arte – Brasil. 3. Arte – Ateliê. 4. Arte – História. I. Valle, Arthur. II.
Dazzi, Camila. III. Portella, Isabel Sanson. IV. Silva, Rosangela de Jesus. V. Título.

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7068-012-9



Fernando Corona e o “Documentário fotográfico de esculturas executadas pelos alunos desde a fundação do curso de escultura”

Alfredo Nicolaiewsky ¹

Figura 1 - Escultura dos alunos do Instituto de Belas Artes: 1938-1956. Volume 1. Capa do documento em cartão e nanquim; 22 x 28cm. Porto Alegre/RS, Arquivo Histórico do Instituto de Artes/UFRGS.

Este texto se propõe a um primeiro olhar sobre o documento intitulado “Documentário fotográfico de esculturas executadas pelos alunos desde a fundação do curso de escultura,” [Figura 1, Figura 2 e Figura 3] feito pelo professor Fernando Corona (1895-1979), que lecionou no atual Instituto de Artes (Instituto de Belas Artes – IBA, à época) no período de 1938 a 1965, quando criou e ministrou o Curso de Escultura. Este documento pertence ao Arquivo Histórico do Instituto de Artes (AHIA-UFRGS).

Figura 2 - Escultura dos alunos do Instituto de Belas Artes: 1938-1956. Volume 1. Capa do documento em cartão e nanquim; 22 x 28cm. Porto Alegre/RS, Arquivo Histórico do Instituto de Artes/UFRGS.

Figura 3 - Escultura dos alunos do Instituto de Belas Artes: 1938-1956. Volume 1. Folha de rosto do documento: foto colada sobre papel; 22 x 28cm. Porto Alegre/RS, Arquivo Histórico do Instituto de Artes/UFRGS.



¹ Artista plástico e professor Associado junto ao Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil.

Sobre Fernando Corona

Fernando Corona, escultor, arquiteto, crítico de arte e professor, nasceu em 1895, em Santander (Espanha) e morreu em 1979 em Porto Alegre (Rio Grande do Sul). Ele era filho do também escultor e arquiteto, maçom e republicano espanhol Jesus Maria Corona (1871–1938). Sua vinda para o Brasil em 1909 se deve a problemas políticos: ele fugiu da Espanha por ter participado de movimentos republicanos contra a monarquia. Inicialmente vem para a Argentina, se estabelecendo em Buenos Aires e, de lá, a convite, vem trabalhar em Porto Alegre, como escultor e decorador para os prédios que estavam sendo edificados na cidade.

Em 1912, aos 17 anos, Fernando Corona vem a Porto Alegre, por ordens da mãe, para buscar o pai. Mas, ao invés de levar o pai de volta a Espanha, começa a trabalhar por aqui como arquiteto/decorador, iniciando seu aprendizado no ofício com o pai. Em 1919 Jesus Corona vai para Pelotas, desgostoso com o resultado do concurso para o projeto da catedral de Porto Alegre, cujo projeto havia vencido, porém fora preterido e não executado. Fernando Corona permanece em Porto Alegre, se associando a diversos empresários da construção, trabalhando com ornamentos e esculturas para decorações de fachadas.

Em 1922 Jesus Maria retorna a Espanha, mas Fernando Corona permanece em Porto Alegre, onde exerce a profissão de arquiteto/escultor, no ramo da construção, por vinte anos. Ele também colabora na imprensa, entre o final da década de 1910 e o início da década de 1920, criando capas para a revista *Máscara*. Casa-se em 1920 e a família se completa com o nascimento de seus três filhos, dos quais dois serão arquitetos e professores, um na USP e o outro no IA/UFRGS. Quando é proclamada a república na Espanha ele pensa em voltar, mas a decisão vai sendo adiada, em função de encomendas que vão surgindo, e acaba por ficar definitivamente em Porto Alegre, somente voltando a Europa para passear e visitar museus.

Dentre os muitos prédios que tem sua marca podemos citar o Hospital Modelo (atual Hospital São Francisco, junto a Santa Casa de Misericórdia), a fachada e os elementos escultóricos do Banco do Comércio (atual Santander Cultural) e o prédio do Pavilhão Cultural da Exposição Farroupilha de 1935 (atual Instituto de Educação General Flôres da Cunha).

Em sua trajetória como artista foi contemplado com inúmeras premiações: em 1933 recebe Medalha de Bronze no Salão Nacional de Belas Artes/RJ, e em 1940 recebe, no mesmo Salão, a Medalha de Bronze em Arquitetura,; no 7º Salão de Belas Artes do RS (1956) obteve Medalha de Ouro. É autor de dois capítulos sobre escultura e arquitetura no Rio Grande do Sul publicados na Enciclopédia Rio-grandense (1957, Porto Alegre): “Cem anos de formas plásticas e seus autores” onde discorre sobre a arquitetura e os escultores do séc. XIX e início do XX (2º volume) e “50 anos de formas plásticas e seus autores” (3º volume), no qual retoma aspectos da arquitetura e da escultura, desta feita com ênfase na primeira metade do séc. XX.² Atuou também

² CORONA, Fernando. Cem anos de formas plásticas e seus autores. In: **2º volume da Enciclopédia Rio-grandense**. Porto Alegre: Livraria Sulina Editôra, 1968 e CORONA, Fernando. 50 anos de formas plásticas e seus autores in 3º

como crítico de arte, com colaborações para periódicos como o *Correio do Povo* e a *Revista do Globo*, além de publicações de artigos e livros, como “Caminhada nas Artes” (1940-1977), onde reuniu suas crônicas e críticas de arte.³

Corona foi mais reconhecido como professor e crítico do que como artista. “Como professor, sua atuação é exemplar, o que o caracteriza como um escultor de escultores” em suas próprias palavras. O menor reconhecimento de sua obra escultórica se deve

*certamente a ausência de um olhar abrangente sobre sua produção, dispersa em coleções privadas, em monumentos e em obras desenvolvidas para integrarem fachadas arquitetônicas. Dentre estas últimas, são notáveis as esculturas que integram, por exemplo, a fachada do Santander Cultural, em Porto Alegre, e os monumentos, como as cabeças de Beethoven e Chopin, no Auditório Araújo Viana. Mas onde podemos ver o escultor de linguagem particular é no Inca, na imagem Nossa Senhora do Líbano (fachada da Paróquia Maronita) e, ainda no painel cerâmico instalado no 8º andar do Instituto de Artes. Todas essas obras são de um equilíbrio admirável e de uma fatura excepcional. São sintéticas e econômicas, com volumes funcionais, traços fisionômicos recortados e uma elegância superior, revelando um escultor tecnicamente perfeito e um esteta admirável.*⁴

Em 1938 é convidado por Tasso Correa (1901-1977), diretor do IBA, a criar o curso de escultura, que ele divide em Escultura e Modelagem, e do qual será professor até 1965, quando é aposentado por ter chegado aos 70 anos. Em 1944 ajuda a fundar o Curso Superior de Arquitetura do IBA, onde lecionou até 1950. Quando é criada a Faculdade de Arquitetura da UFRGS, não o aceitam como professor, por não ter curso superior. Apesar da ausência de formação específica um bom exemplo de sua competência como arquiteto é o prédio do atual Instituto de Artes, inaugurado em 1943. Infelizmente o conjunto arquitetônico foi apenas parcialmente construído, pois constam ainda, no projeto original, um grande teatro/auditório e um museu de artes.

Sobre o “Documentário Fotográfico”

O material, hora em análise, é composto de dois volumes encadernados em cartão rígido, sendo os cadernos unidas, artesanalmente, com barbantes, medindo, cada um, 22 x 28 cm, sendo que o primeiro volume tem 198 páginas⁵ e segundo 143 páginas⁶. Ambas as pastas têm capas identificadas e ilustradas pelo próprio artista. Nestas páginas temos, principalmente, fotos dos trabalhos dos alunos e também algumas anotações manuscritas e recortes de jornais e revistas, que se referem aos alunos ou a ex-alunos do curso de escultura

volume da Enciclopédia Rio-grandense. Canoas/RS: Editora Regional Ltda, 1957.

3 Seu trabalho como crítico de arte foi o objeto de investigação de Elvio Antonio Rossi, que apresentou em 2013, como trabalho de conclusão do bacharelado em História da Arte, a monografia intitulada **Pensando com Arte: as críticas de Fernando Corona sobre artes plásticas (1958-1970)**. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/97686>

4 GOMES, Paulo. Academismo e Modernismo: possíveis diálogos. In: **100 Anos de Artes Plásticas no Instituto de Artes da UFRGS - três ensaios**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012, p.54.

5 Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000953458&loc=2015&l=ac6601d27d45138e>

6 Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000953458&loc=2015&arq=2&l=776aad720a-da47d0>

Para falar da criação do curso de escultura e do documento tema deste estudo, passo a palavra ao próprio professor Corona, citando o texto que escreve nas primeiras páginas deste material:

Curso de Escultura no I.B.A.

Em 1938, meu amigo Tasso Corrêa, Diretor do Instituto de Belas Artes da Universidade de Porto Alegre, me convidou (já o vinha fazendo há mais de ano) para fundar o Curso de Escultura da mesma Escola. Não havia nada no Rio Grande do Sul. Afinal aceitei e no dia 12 de maio de 1938, na Reitoria do Dr. Aurélio de Lima Py, assinei contrato com vencimentos de um conto e duzentos mil reis, que era igual ao dos demais catedráticos. Ora, eu ganhava um conto e oitocentos como arquiteto da firma Azevedo Moura e Gertum, e teria que dividir o horário. Logo que assumi não havia nenhuma instalação nem barro para poder iniciar as aulas. Como o prof. Ernani Corrêa estava impedido de dar Arte Decorativa e Arquitetura Analítica, Tasso me pediu, (enquanto se preparavam as mesas e se comprava o barro) que lecionasse aquelas duas cadeiras que eram também dos meus conhecimentos. Havia só três alunas de Arte Decorativa e cinco de Arquitetura Analítica. Meu contrato, além de fundar o Curso de Escultura se estendia também à Modelagem I e II ano do Curso Geral de Artes Plásticas. Tanto Escultura como Modelagem tinham que esperar as instalações. Só no segundo semestre é que pude começar as aulas da minha cátedra.

Em agosto de 1938 iniciei as aulas de Escultura e Modelagem. Aulas eminentemente práticas, não me limitei a explicar os temas dados com modelo vivo que era a execução de uma cabeça. Era o princípio para tomar contato com os músculos da face sem que houvesse preocupação em fazer retrato do modelo. As aulas práticas eram acompanhadas de outras teóricas sobre escultura antiga, como ilustração e nunca para copiar nem grego nem romano. A liberdade de cada aluno estava em seu próprio temperamento, criando formas a seu modo logo que aprendia a ver e a sentir a verdade do modelo natural. As primeiras alunas que tive foram Vera Wiltegn e Cristina Balbão. O aproveitamento viria em 1940, quando as duas modelaram obras apreciáveis.

Para documentar meu trabalho fazia fotos das obras dos alunos e consegui organizar dois álbuns. Neste primeiro que vai de 1938 a 1956, existem 241 fotos e no segundo, de 1957 a 1965, há 167 fotos. Em 26 de novembro, contando 30 anos de serviço, incluindo licenças prêmio que não gozei, caí na compulsória aos 70 anos de idade.

Fernando Corona⁷

A análise destes dois registros feitos pelo professor Fernando Corona nos abre um grande leque de possibilidades de estudo. É um material que apresenta farta iconografia sobre os processos e resultados do ensino de escultura e modelagem à época, em Porto Alegre. Mas não somente isto. Podemos inferir uma série de outras questões que somente podem ser percebidas pela passagem do tempo.

⁷ Idem, nota 5.

Sobre as questões de gênero

Chama a atenção, ao se examinar os cadernos, a ausência, nos primeiros vinte anos de curso, de alunos do sexo masculino. A primeira referência a presença de alunos aparecerá somente no início do segundo caderno, já em 1957. Apesar de sempre ter havido predominância de alunas nos cursos do IBA (isto até os anos setenta), diversos alunos homens tinham freqüentado os cursos da instituição, mas, aparentemente, não na escultura. Ao mesmo tempo observamos que, de todas as alunas que passaram pelo ateliê de escultura, até o final dos anos cinquenta, muito poucas desenvolveram carreiras artísticas.

A única aluna, deste período inicial, que fará efetivamente carreira como escultora será Sonia Ebling (1928–2006), estudante no IBA durante os anos de 1950 e 1951, e que se mudou para o Rio de Janeiro, posteriormente para Paris, retornando em definitivo para o Rio de Janeiro [Figura 4]. Dentre as outras alunas que se destacam estão Alice Soares (1917–2005), que se tornará professora de desenho e fará uma significativa carreira como artista; Christina Balbão (1917–2007) e Dorothea Vergara (1923), que também serão importantes professoras, a primeira também de desenho e a segunda de escultura. O que impediu, ou dificultou, que estas competentes alunas seguissem carreiras como escultoras, apesar dos prognósticos otimistas do professor Corona, nunca saberemos. Mas sabemos também que estas três jovens, que se tornaram importantes profissionais, não se casaram e não constituíram famílias, o que talvez explique algo sobre o fato de fazerem carreiras em um contexto adverso à profissionalização das mulheres, principalmente no mundo das artes.

Isto nos remete a uma matéria publicada na *Revista do Globo* (07/07/1957), que encontramos colada no “Documentário”, e que é exemplar sobre a situação das alunas naquele momento. Já na chamada da matéria – *Garôtas fazendo Arte* – parece-nos que está dado o tom da reportagem e indica, desde o título, uma matéria sexista e depreciativa. Além da chamada, podemos encontrar no texto algumas afirmações, como “Pode ser até estranho que uma arte de técnica tão complexa e pesada, mais própria para os homens, devido ao esforço físico que exige, seja tão entusiasmadamente praticada por um grupo de moças, e o que é mais interessante, de moças bonitas”. Na matéria esta indicada, com toda clareza, que sendo a escultura uma manifestação

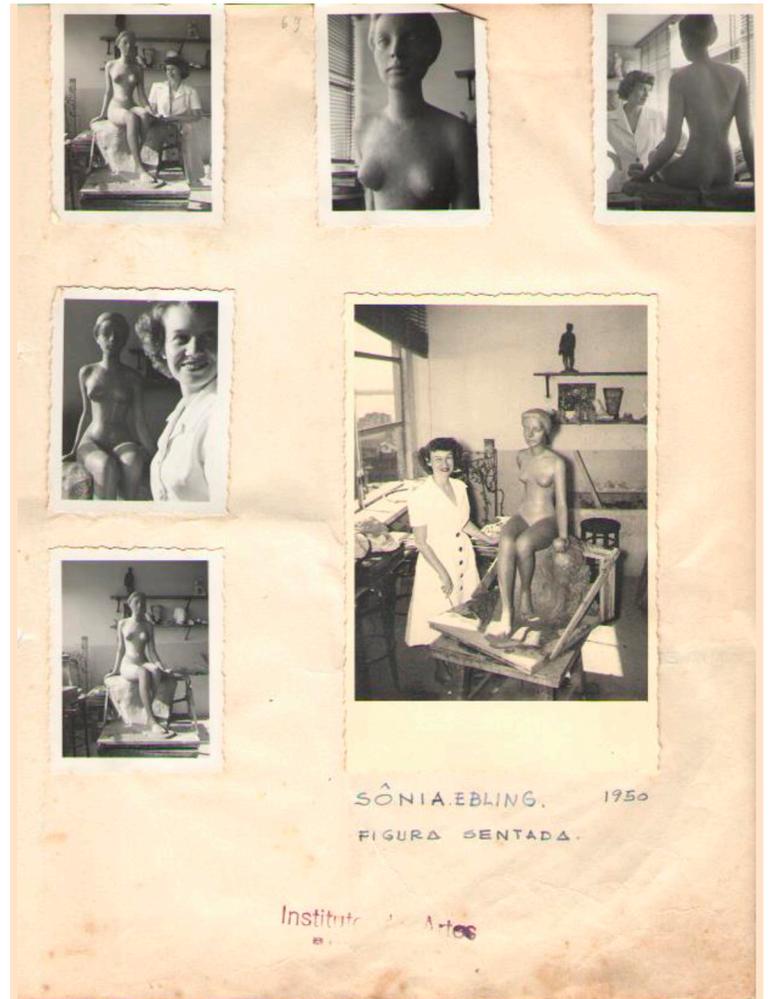


Figura 4 - Escultura dos alunos do Instituto de Belas Artes: 1938-1956. Volume 1. Página não numerada do documento: fotos coladas sobre papel; 22 x 28 cm. Porto Alegre/RS, Arquivo Histórico do Instituto de Artes/UFRGS.

Figura 5 - Esculturas dos alunos do curso: 1957-1965. Volume dois. Página não numerada do documento: página de revista colada sobre papel; 22 x 28 cm. Porto Alegre/RS, Arquivo Histórico do Instituto de Artes/UFRGS.

artística “complexa e pesada”, não deveria ser uma opção feminina e, mais significativa, que essas alunas não poderiam ser bonitas, pois moças bonitas deveriam fazer coisas mais “delicadas”. A matéria termina com a declaração de Fernando Corona: “E quando lhe perguntam se o casamento não é uma barreira para a moça que se dedica à arte, ele não deixou dúvidas quando nos respondeu com todo o seu categórico acento espanhol: - ‘Ora, depende do marido...’ ” [Figura 5 e Figura 6]

Não acusando o professor Corona de machista, nem mesmo a reportagem, o que fica muito claro é a maneira como as mulheres, de modo geral, eram consideradas naquele contexto: poderiam ter atividades profissionais, se os maridos permitissem, mas estas deveriam ser adequadas a sua condição de frágeis e femininas. Talvez seja

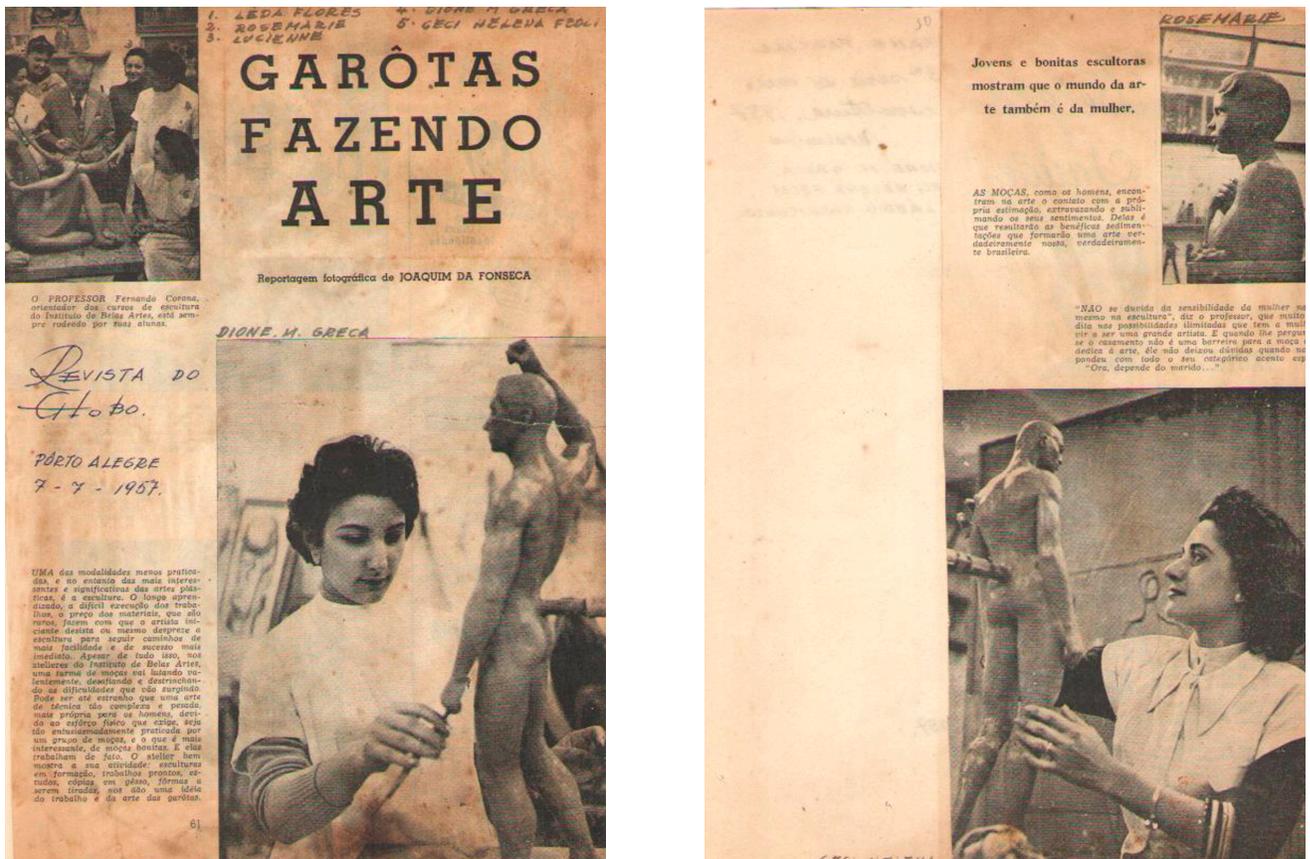


Figura 6 - Esculturas dos alunos do curso: 1957-1965. Volume 2. Página não numerada do documento: página de revista colada sobre papel; 22 x 28 cm. Porto Alegre/RS, Arquivo Histórico do Instituto de Artes/UFRGS.

por isso que, querendo escapar desta submissão programada, Alice Soares, Christina Balbão e Dorothea Vergara não se casaram.

Sobre uma história do ensino no Instituto de Artes

Do ponto de vista de uma história do ensino das artes no Instituto de Artes, podemos constatar, a partir da análise do “Documentário Fotográfico”, que um grande número de alunos de Fernando Corona, tornaram-se professores do Instituto de Artes, alguns na escultura e outros em áreas como o desenho e a gravura. É extremamente interessante vermos, no “Documentário Fotográfico”, as produções iniciais de alguns desses futuros artistas/professores. Também é interessante ver que algumas das previsões do mestre Corona não se concretizaram, pois ele, que anunciava carreiras artísticas vitoriosas para alguns dos seus alunos mais talentosos, acabou por vê-los dedicados exclusivamente ao magistério.

Dentre essas promessas artísticas mais notáveis e não concretizadas está a já citada Christina Helfensteller Balbão, talentosa escultora, pintora e desenhista, que foi professora de desenho entre 1944 e 1987 e atuou também como funcionária no Museu de Arte do Rio Grande do Sul. Outro caso semelhante é o de Dorothéa Vergara Pinto da Silva, talento excepcional na escultura, com premiações importantes, que se dedicou quase exclusivamente ao magistério, inicialmente na Universidade Federal de Santa Maria e, depois, no Instituto de Artes, entre os anos de 1967 e 1991.

Alice Ardhoim Soares é uma exceção dentre as alunas, pois, além de professora de desenho, entre os anos de 1945 e 1978, tendo deixado sua marca em diversas gerações de artistas, manteve-se ativa como artista. Escultora e pintora de grande qualidade dedicou-se, a partir dos anos 1960 (por motivos de saúde) exclusivamente ao desenho, tornando-se a primeira referência de desenhista no Rio Grande do Sul, alcançando grande prestígio e sucesso.

Dentre outros alunos, tornaram-se também professores Claudio Martins Costa (1932–2005), dedicado ao ensino da escultura entre 1971 e 1992; Solange Uflacker (1944–2000) no ensino de desenho no Curso de Artes Plásticas e cenografia e indumentária no curso de Arte Dramática, entre 1980 e 1996. Ambos tiveram carreiras discretas como artistas.

Três outros alunos destacaram-se de modo notável em suas áreas: Carlos Gustavo Tenius (1939) foi professor de escultura entre 1965 e 1993 e desenvolveu importante carreira como escultor, criando alguns dos mais notáveis monumentos de Porto Alegre (dentre os quais o *Monumento aos Açorianos*, a respeito do qual, também consta um recorte de jornal, no “Documentário”, quando de sua inauguração); Luiz Fernando Barth (1941), professor na área de gravura, entre 1970 e 1991, que desenvolveu um marcante trabalho em serigrafia e, ainda, Luiz Gonzaga de Mello Gomes (1940), professor de escultura entre 1969 e 1996 (anteriormente lecionou na UFSM) que desenvolveu uma carreira brilhante na escultura.

Dentre os artistas, que se formaram no ateliê de Fernando Corona, podemos enumerar além da já citada Sonia Ebling, que fez notável carreira nacional, Cláudio Carriconde (1934–1981) e Lêda Flôres (1917). Atuantes de modo intenso até hoje são Zoravia Bettiol (1935) e Joyce Schleiniger (1947).

Sobre o acervo artístico do Instituto de Artes

Outro aspecto notável do “Documentário Fotográfico” são as dezenas de imagens de esculturas em processo ou já finalizadas, tanto dos alunos, quanto de Fernando Corona. Dentre essas imagens algumas correspondem a obras do próprio Corona e de alunos, que foram preservadas e hoje integram o acervo da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo do Instituto de Artes.⁸

Destacamos aqui, de Fernando Corona, a foto da fôrma do “São Francisco de Assis” (1956, registro nº317), peça em gesso de grande formato (190 x 70 x 55 cm). Rica

⁸ GOMES, Paulo (org.). *Pinacoteca Barão de Santo Ângelo: Catálogo Geral – 1910-2014*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2015.

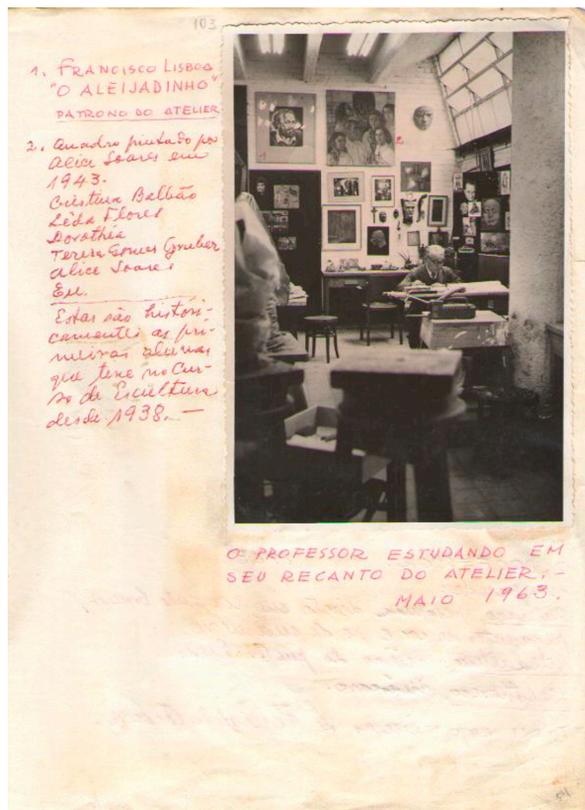


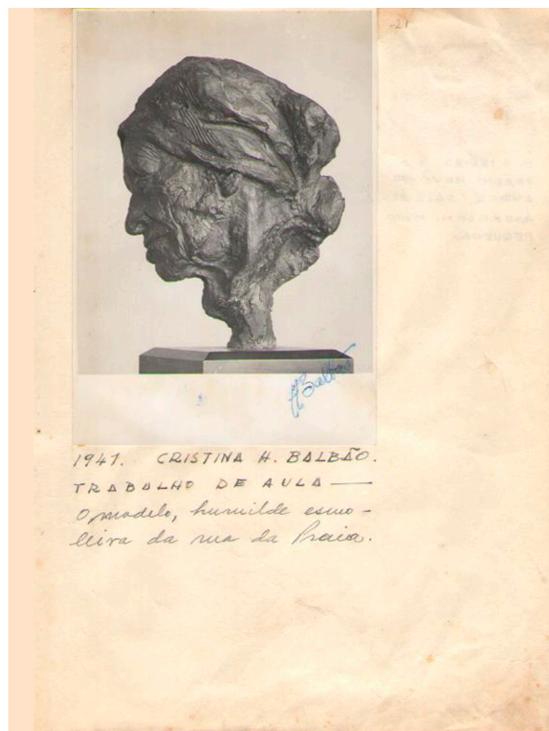
Figura 7 - Esculturas dos alunos do curso: 1957-1965. Volume 2. Página não numerada do documento: foto colada sobre papel; 22 x 28 cm. Porto Alegre/RS, Arquivo Histórico do Instituto de Artes/UFRGS.

de informações é a foto da sala de escultura, feita em 1963, na qual Corona aparece, com a seguinte legenda “O professor estudando em seu recanto do atelier”. Nesta imagem do “recanto” aparecem obras de diversos artistas, que hoje integram a coleção da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo, dentre as quais podemos identificar, do próprio Corona, a importante “Máscara cubista de Borges de Medeiros” (1924, registro nº420) e a “Mascara de Beethoven” (sem data, registro 346); além dessas podemos ver na parede do ateliê o desenho a nanquim de João Faria Viana, datado de 1940 (registro 415), que está inventariado como “Retrato”, mas que Corona identifica como “Francisco Lisboa - ‘O Aleijadinho’ - Patrono do atelier”. Neste mesmo recanto podemos ver ainda a pintura de Alice Soares (que está inventariada sem data, registro 416) retratando o professor e suas alunas. Sobre esta obra, verdadeiro ícone da coleção da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo, Corona escreveu na página do caderno na qual está colada a foto: “Quadro pintado por Alice Soares em 1943. Cristina Balbão, Lêda Flores, Dorothea, Teresa Gomes Gruber, Alice Soares, Eu. Estas são historicamente (sic) as primeiras alunas que tive no Curso de Escultura desde 1938.” [Figura 7]

Em outras páginas do documento encontramos os trabalhos das alunas Christina Balbão, com a foto da “Cabeça de Velha” (1941, registro nº1020), com a legenda “Trabalho de aula – o modelo, humilde esmoleira da Rua da Praia.” [Figura 8] Também com relação à Christina Balbão temos uma situação que reforça a importância deste documento como fonte de pesquisa para identificação e certificação de autoria: há na Pinacoteca Barão de Santo Ângelo uma peça registrada como obra de sua autoria, a “Cabeça de Dorothea” (sem data, inventário 609), representando a colega Dorothea Vergara. Neste documento, no qual a obra aparece em duas fotos, Corona atribui à autoria a Alice Soares, junto a imagens que trazem a data de 1947.

De Dorothea Vergara temos duas esculturas no documento, obras que também integram o acervo artístico do Instituto de Artes: uma é a “Medusa” (1946, inventário 596) que consta como “estudo sem modelo” [Figura 9] e, a outra é a “Figura feminina” (inventário 424), que esta registrada como de 1958 no

Figura 8 - Escultura dos alunos do Instituto de Belas Artes: 1938-1956. Volume 1. Página não numerada do documento: fotos coladas sobre papel; 22 x 28 cm. Porto Alegre/RS, Arquivo Histórico do Instituto de Artes/UFRGS.



inventário da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo (data que corresponde, na verdade, a sua exibição no Salão Pan-Americano de Arte, na qual recebeu a Medalha de Ouro na Seção Escultura). Esta obra de grande formato (210 x 65 x 35 cm) é outra que o documento permitiu, não somente a correção de data de execução, mas o conhecimento completo de seu desenvolvimento. Através de seis fotos deste trabalho podemos acompanhá-lo detalhadamente, desde a primeira, que mostra a escultura em seu estágio inicial de execução, explicando que é a “prova final do curso de escultura” do ano de 1947. A informação se completa com a explicação de que “o tempo de duração do trabalho é de um ano letivo. Esta fotografia mostra o trabalho no início, quando o modelo vivo é permanente”. A segunda imagem mostra o trabalho, em sua forma final, bastante diferente da primeira, mas ainda em barro. A terceira foto é um detalhe da escultura, nomeando-a de “Moça” e atribuindo-lhe grau 10. Junto à quarta fotografia temos a legenda “foto do trabalho em barro ‘Moça’ 2.00 m de altura. Foi fundida em gesso e faz parte do Museu de Arte do Instituto.” A quinta foto mostra Dorothea dando o acabamento na peça e, finalmente, na sexta, temos mais um detalhe da escultura. O “Documentário fotográfico” altera duas informações relativas a esta peça, deixando claro que o ano de execução foi de 1947 (e não 1958, como constava) e que foi batizada à época como “Moça”, não sabemos se pela autora ou pelo professor, e não como “Figura feminina”, conforme registro no inventário. [Figura 10]



Dentre outros trabalhos da coleção que aparecem nos cadernos estão a escultura cerâmica da aluna Glá Macalós (1965, inventário 602), e um autorretrato (1960, inventário 405), do professor João Fahrion.

Estão apresentados neste texto apenas alguns aspectos e dados que podemos obter a partir do “Documentário Fotográfico”. Sua riqueza e preciosidade já foram demonstradas por ocasião da exposição “Branco de Forma”, realizada na Galeria da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo, que versava sobre o uso do gesso nas artes

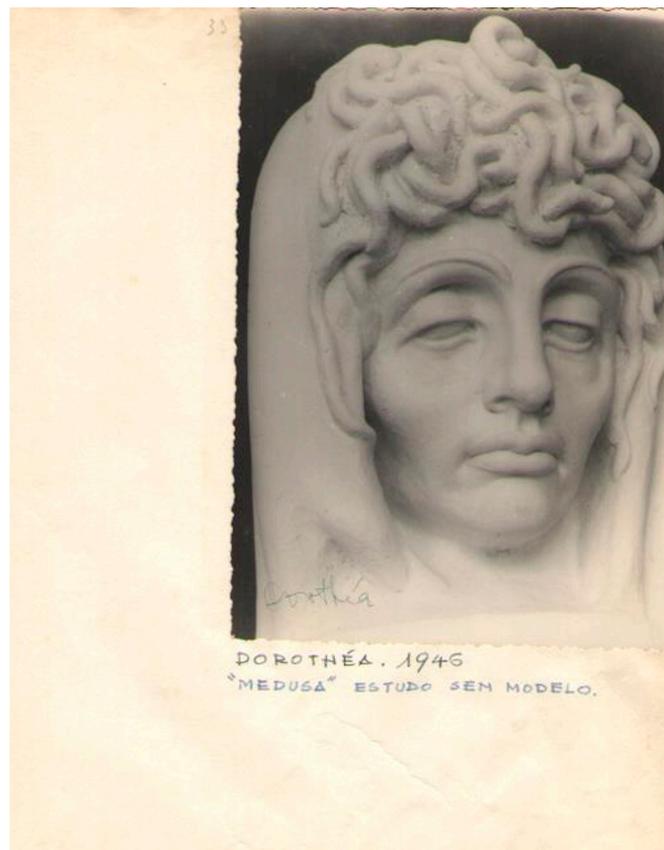


Figura 9 - Escultura dos alunos do Instituto de Belas Artes: 1938-1956. Volume 1. Página não numerada do documento: fotos coladas sobre papel; 22 x 28 cm. Porto Alegre/RS, Arquivo Histórico do Instituto de Artes/UFRGS. Histórico do Instituto de Artes/UFRGS.

Figura 10 - Escultura dos alunos do Instituto de Belas Artes: 1938-1956. Volume 1. Página não numerada do documento: fotos coladas sobre papel; 22 x 28 cm. Porto Alegre/RS, Arquivo Histórico do Instituto de Artes/UFRGS.

plásticas. Nessa ocasião a curadoria da exposição apresentou um vasto painel com dezenas de ampliações de fotos dos “Cadernos”, o que despertou grande interesse por parte dos visitantes e mesmo de antigos alunos, que foram conferir a mostra⁹ e que puderam conhecer a história do ensino da escultura no Instituto de Artes. Com certeza outros estudos virão, trazendo novas análises e com novos enfoques, que somente irão confirmar a riqueza e a importância documental e testemunhal deste legado do professor Fernando Corona.

9 “Branco de Forma”, exposição com curadoria de Tetê Barachini & Paulo Gomes, realizada na Galeria da Pinacoteca barão de Santo Ângelo, de 11 de novembro a 5 de dezembro de 2014. Da mostra participaram, entre outros, Alice Soares, Christina Balbão, Dorothea Vergara, Fernando Corona, Jesus Maria Corona, todos com obras pertencentes a Pinacoteca Barão de Santo Ângelo.